

almas

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#23 (tomo 2) Jul. 2020

FARISEU, 20 ANOS DEPOIS

**novidades da
arte paleolítica
do Côa**

**Um Homem do
Paleolítico Entra num Bar:
anacronismo e atualidade na
personagem do *Bartoon***

**A Era da Energia a Vapor
em Portugal: o caso agrícola**

**Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio do Fariseu, em Fevereiro de 2020, que revelaram um painel gravado com mais de seis metros de dimensão, sobreposto por uma sequência de depósitos do Paleolítico Superior. Trata-se da mais recente novidade da arte paleolítica do vale do Côa (Património Mundial da UNESCO).

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 23, tomo 2, Julho 2020

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://issuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje -
- Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª /
/ Câmara Municipal de Oeiras /
/ Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo

(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço, com a colaboração de Vanessa Dias, José Carlos Henrique e Sónia Tchissolle Silva

Colaboram neste número | Mila Simões de Abreu, Jaime Almansa Sánchez,

Maria José Almeida, Alexandra Aguiar Alves, José C. Henrique António, Thierry Aubry, Fernando Barbosa, Carlos Boavida, Guilherme Cardoso, Jorge Custódio, Mariana Diniz, José d'Encarnação, Lídia Fernandes, Francisco Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, Tiago Inácio, Luís Luís, Isabel de Luna, João Marques, Teresa Marques, Andrea Martins, Luís Filipe Pereira, Franklin Pereira, Miguel

Portela, Jorge Raposo, Raquel Caçote Raposo, Eduardo Gonzalez Rocha, André T. Santos, Pedro Silva Sena, Marcelo Silvestre, Fábio Soares e Vítor Manuel Silva.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Nos últimos meses, a crise pandémica gerada pela COVID-19 concentra, compreensivelmente, as nossas preocupações individuais e colectivas. Até à data em que escrevo, um vírus altamente contagioso infectou rapidamente quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo, causou um número de mortes superior a 600 mil e continua em crescimento acelerado, tanto nos países com maiores dificuldades económicas e sociais, como naqueles onde são desvalorizadas as medidas de contenção apropriadas. Em Portugal, a dramática contabilidade regista perto de 49 mil infectados, mais de dois terços dos quais felizmente já recuperados. Mas várias centenas necessitaram de internamento hospitalar, parte deles em unidades de cuidados intensivos, com sofrimento e sequelas assinaláveis. O trágico balanço aproxima-se já das 1700 mortes. Esta situação obrigou a alterações, por vezes drásticas, nos comportamentos individuais e de grupo, ao nível do relacionamento social e das condições de vida e de trabalho. Só o distanciamento e a redução dos contactos físicos minimizaram com eficácia o insidioso contágio. A suspensão ou redução temporária de múltiplas actividades gerou uma crise cuja dimensão, profundidade e durabilidade ainda não estamos em condições de avaliar, mas teve e terá graves implicações na vida de muita gente, nomeadamente na ligada à Cultura e ao Turismo, por exemplo. Forçou ainda a transformação ou reinvenção social, privilegiando as tecnologias e os recursos digitais para situações que, até aí, obrigavam a trabalho presencial ou ao uso de materialidades diversas.

A produção e disponibilização de conteúdos nas várias plataformas disponíveis na Internet aumentou substancialmente, naquela que é das poucas consequências positivas de um péssimo contexto. Sem se substituírem às inegáveis potencialidades e virtuosidades de outros suportes, os conteúdos digitais mitigaram os efeitos do distanciamento e da perda de mobilidade, surpreendendo, por vezes, pela pertinência, qualidade e criatividade. Como seria de esperar, a produção editorial da *Al-Madan Online* manteve-se e a sua procura acompanhou esse movimento. A revista atraiu mais de 5100 leitores de quase todo o mundo nos primeiros seis meses de 2020, o que traduz o valor semestral mais elevado de sempre. O segundo semestre abre agora com um novo tomo, que leva até esses e outros leitores a produção intelectual de um vasto conjunto de autores, em crónicas, artigos de divulgação arqueológica e patrimonial, estudos e noticiário diverso.

Permitam-me que destaque o espaço dedicado à arte paleolítica do vale do Côa, património nacional e da Humanidade, quer com o primeiro artigo de fundo sobre os recentes achados de novas gravuras associadas a contextos arqueológicos de estratigrafia bem definida, quer com um balanço do papel desempenhado pelo simpático e sempre perspicaz “Homem do Paleolítico”, na série *Bartoon* e noutras criações do cartoonista Luís Afonso. São apenas exemplos da diversidade evidenciada pelo índice, certamente traduzível em bons momentos de leitura, com prazer e saúde. Votos de que assim seja!

Jorge Raposo, 21 de Julho de 2020

EDITORIAL...3 ►

CRÓNICAS

Comércio e Falsificação
de Objectos Arqueológicos |
José d'Encarnação...6 ►

A Tenda Vermelha do Califa |
Pedro Silva Sena...9 ►

ARQUEOLOGIA



Fariseu, 20 Anos Depois:
novidades da arte paleolítica do Côa |
Thierry Aubry, Fernando Barbosa,
Luís Luís, André T. Santos e
Marcelo Silvestre...15 ►

A Mamoa de Aspra
(Caminha, Viana do
Castelo): uma mudança no
paradigma? | Fábio Soares
e Vítor Silva...28 ►



Análise Preliminar dos Contextos e
Práticas Funerárias da Idade Média em
Monção (Viana do Castelo, Norte de
Portugal) | Vítor Manuel Fontes
Silva...39 ►



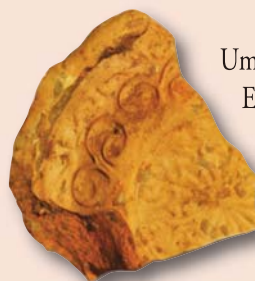
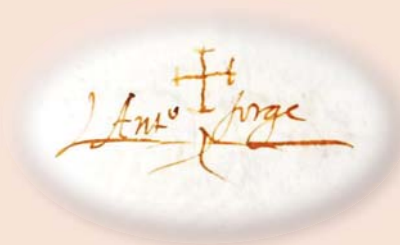
ESTUDOS



Um Homem do
Paleolítico Entra num
Bar... anacronismo e
atualidade na personagem
do *Bartoon* durante a

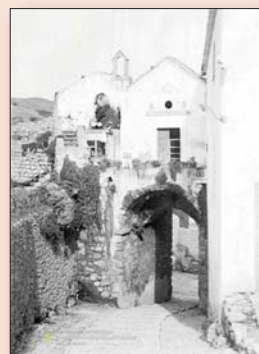
luta pela preservação da arte do Côa e a sua
sobrevivência | Luís Luís...65 ►

A Atividade Artística
dos Mestres Pedreiros
António Jorge e Manuel
Jorge (1583-1601) |
Miguel Portela...84 ►



Uma Sondagem Arqueológica de
Emergência no Paço do Patim,
Torres Vedras | Guilherme
Cardoso e Isabel de
Luna...57 ►

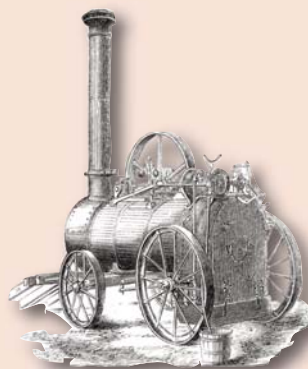
Intervenção Arqueológica na
“Porta da Conceição”, Alenquer:
primeiros resultados |
Raquel Caçote
Raposo...48 ►



PATRIMÓNIO



Artes do Couro
no Medievo Peninsular.
Parte 4: as “*sillas de caderas*”
de Granada | Franklin
Pereira...92 ►



A Era da Energia
a Vapor em Portugal:
o caso agrícola | Jorge
Custódio...107 ►

Da Fábrica
de Garrafas de
Martingança à
Iberonorma: um
caso de adaptação,
preservação e
salvaguarda de património industrial
em Portugal | Tiago Inácio...129 ►



Tabuleiros de Jogo
Gravados em Pedra em
Campanhó (Mondim de
Basto, Norte de Portugal) |
Luís Filipe Pereira e
Alexandra Aguiar
Alves...139 ►



HISTÓRIA LOCAL



Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens
(Pragal, Almada) | José
Carlos Henrique
António...153 ►

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Fake News e o Alfabeto do Alvão:
uma mentira dita mil vezes não se torna verdade |
Mila Simões de Abreu...175 ►

Atividades da ARQA no Âmbito de uma
Nova Dinâmica Associativa | Eduardo
Gonzalez Rocha...179 ►

LIVROS & REVISTAS

A Revista *Scaena* do Museu de Lisboa - Teatro Romano |
Lídia Fernandes...181 ►

Novidades editoriais...184 ►

EVENTOS

Encontro Internacional *A Península Ibérica
Entre os Séculos V e X: continuidade, transição
e mudança* | João Marques, Teresa Marques
e Carlos Boavida...186 ►

TAG (*Theoretical Archaeology Group*) Ibérico 2020 - Lisboa |
Mariana Diniz, Andrea Martins, Francisco Gomes
e Jaime Almansa Sánchez...188 ►

O Nome das Coisas: mesa-redonda no TAG Ibérico 2020 |
Maria José Almeida e Jorge Raposo...190 ►

Agenda de eventos...191 ►

A Capela Privada da Casa Nobre
do Morgado de Gouvinhas, em
Gouvinhas, Sabrosa | Gerardo
Vidal Gonçalves...160 ►



Fariseu, 20 Anos Depois

novidades da arte paleolítica do Côa

Thierry Aubry ^{1,II}, Fernando Barbosa ^I, Luís Luís ^{1,II},
André T. Santos ^{1,II} e Marcelo Silvestre ^I

1. DATAR A ARTE RUPESTRE

Em 1995, no momento da divulgação da descoberta de gravuras estilisticamente atribuíveis ao Paleolítico em painéis rochosos ao ar livre do troço final do rio Côa, ressurgiu a discussão sobre a preservação de imagens tão antigas e a fiabilidade do método estilístico para as datar.

Um século depois da descoberta de Altamira e uma década antes da do Côa, a possibilidade de preservação de gravuras sobre afloramentos rochosos ao ar livre havia sido confirmada em 1981, com a publicação das gravuras de Mazouco (JORGE *et al.*, 1981) e Domingo García (MARTÍN SANTAMARÍA e MOURE ROMANILLO, 1981) ¹, sucedendo-se nos anos seguintes as revelações dos sítios de Fornols-Haut (SACCHI *et al.*, 1988), Piedras Blancas (MARTÍNEZ GARCÍA, 1986-1987) e Siega Verde (BALBÍN BEHRMANN *et al.*, 1991). Todavia, estes sítios eram desconhecidos pelo grande público e esquecidos pelos arqueólogos nas sínteses sobre a arte paleolítica, ou então considerados como exceções que confirmavam a regra da arte paleolítica como uma arte das cavernas.

No momento da sua descoberta, em 1991, por Nelson Rebanda, e durante a polémica, a atribuição das gravuras do Vale do Côa ao Paleolítico foi sustentada exclusivamente por comparação estilística (por exemplo, REBANDA, 1995; ZILHÃO, 1995; BAPTISTA e GOMES, 1997).

Quando a pressão económica e política mais se fazia sentir e os trabalhos de construção da barragem prosseguiram a bom ritmo, procurou datar-se as gravuras de forma “objetiva”, recorrendo a métodos ditos “científicos” de datação direta. Como era expectável, os resultados da datação direta com base em micro-fragmentos de matéria orgânica revelaram-se incoerentes e só permitiram obter idades mínimas para as gravuras (MONGE

¹ É preciso, no entanto, ter presente que a estação de Domingo García foi publicada originalmente em 1970, sendo nesse texto pela primeira vez aventada a possibilidade do grande cavalo picotado ser de cronologia paleolítica (GOZALO QUINTANILLA, 1970: 9).

Em 1999, um ano depois da classificação da arte paleolítica do Côa como património mundial pela UNESCO, uma sondagem em frente à rocha 1 do sítio do Fariseu revelou uma sequência de depósitos com vestígios do Paleolítico Superior sobre um painel gravado. Esta conjugação excepcional de fatores humanos e naturais no registo arqueológico voltou a identificar-se em 2020, durante a realização de sondagens no mesmo sítio, uma centena de metros a montante.

As observações efetuadas durante os trabalhos de campo, o estudo preliminar dos vestígios líticos e os dados adquiridos desde 1999 permitem precisar o contexto geomorfológico e a cronologia de realização das gravuras paleolíticas do Vale do Côa. Confirmam também a importância da arte ao ar livre como uma forma monumental de manifestação simbólica desde os momentos mais antigos do Paleolítico Superior.

PALAVRAS CHAVE: Paleolítico superior; Geoarqueologia; Arte rupestre; Vale do Côa.

ABSTRACT

In 1999, a year after the classification of the Palaeolithic Art of the Côa as world heritage by UNESCO, a survey opposite rock 1 of the Fariseu site revealed a sequence of deposits with Upper Palaeolithic remains on an engraved panel. This unusual combination of human and natural factors in archaeological register was again identified in 2020, during surveys in the same site, about a hundred metres upstream. The observations during field work, the preliminary study of the lithic remains and the data obtained since 1999 have enabled the authors to determine more precisely the geomorphological context and chronology of the Palaeolithic engravings of the Côa Valley.

They also confirm the importance of open-air art as a monumental form of symbolic expression since the earliest stages of the Upper Palaeolithic.

KEY WORDS: Upper Palaeolithic; Geoarchaeology; Rock art; Côa Valley.

RÉSUMÉ

En 1999, un an après la classification de l'art paléolithique du Côa comme patrimoine mondial par l'UNESCO, un sondage face à la roche 1 du site du Fariseu a révélé une suite de dépôts avec des vestiges du Paléolithique supérieur sur un panneau gravé. Cette conjugaison exceptionnelle de facteurs humains et naturels dans le registre archéologique s'est répétée en 2020 lors de la réalisation de sondages sur le même site, une centaine de mètres en amont. Les observations effectuées pendant le travail de terrain, l'étude préliminaire des vestiges lithiques et les données acquises depuis 1999 permettent de préciser le contexte géomorphologique et la chronologie de la réalisation des gravures paléolithiques de la Vallée du Côa. Elles confirment également l'importance de l'art à l'air libre comme une forme monumentale de manifestation symbolique depuis les temps les plus anciens du Paléolithique supérieur.

MOTS CLÉS: Paléolithique supérieur; Géo-archéologie; Art rupestre; Vallée du Côa.

¹ Fundação Côa Parque, Rua do Museu, 5150-610 Vila Nova de Foz Côa.

^{II} UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

SOARES, 1995). A datação por microerosão foi completamente inválida, desde logo pelos resultados dos outros métodos empregues, enquanto a datação da exposição solar dos painéis confirmou a possibilidade de as gravuras serem paleolíticas (ZILHÃO, 1997).

A chegada à região de arqueólogos com experiência consolidada na prospeção e trabalhos de escavação em sítios paleolíticos ao ar livre conduziu à descoberta do sítio da Cardina-Salto do Boi, em agosto de 1995. Esta descoberta veio rebater um dos principais argumentos avançados pelos detratores da antiguidade da arte: a aparente ausência de vestígios da ocupação humana paleolítica na região. Os vestígios líticos encontrados nas sondagens (ZILHÃO *et al.*, 1995), a descoberta de sítios no limite ocidental da Meseta nas rochas graníticas (AUBRY, 1998) e as escavações em área (AUBRY, 2002) demonstraram a ocupação da região durante várias fases do Paleolítico Superior, identificando-se vestígios líticos diagnóstico do Gravettense, do Solutrense e do Magdalense. Estas conclusões foram confirmadas em 2001, pela obtenção de datas através do processo de termoluminescência (TL) e luminescência (OSL) (VALLADAS *et al.*, 2001; MERCIER *et al.*, 2001). Os dados obtidos durante os anos iniciais da implementação do Parque Arqueológico do Vale do Côa revelaram assim uma forte densidade de ocupação, ao longo de grande parte do Paleolítico Superior, contrariando um suposto vazio ocupacional na Meseta setentrional, que resultava simplesmente da falta de prospeção ou dos critérios de atribuição cronocultural dos vestígios encontrados à superfície.

Contudo, como referido por vários autores (por exemplo, BREUIL, 1985 [1952]: 37), a presença numa gruta de vestígios de ocupação de

uma ou mais fases do Paleolítico Superior não é um argumento válido para datar a sua arte. Assim, se a demonstração da ocupação do Vale do Côa durante diversas fases do Paleolítico Superior é um argumento fundamental, ela não constitui por si só prova suficiente da validade do método de comparação estilística (AUBRY *et al.*, 2002; ZILHÃO, 2003). Faltavam ainda outros tipos de evidência que permitissem estabelecer uma relação direta entre os vestígios de ocupação e as gravuras.

2. ROCHA 1 DO FARISEU: PRIMEIRA DATAÇÃO INDIRETA DA ARTE AO AR LIVRE

Em dezembro de 1999, foi estabelecida a primeira relação objetiva entre a arte e o seu contexto, um ano depois da classificação das gravuras paleolíticas do Côa na lista do Património Mundial da Unesco (AUBRY, LUÍS e SAMPAIO, 2006). Tal foi possibilitado pelo abaixamento temporário do nível da barragem do Pocinho, que submerge os últimos quilómetros do rio Côa desde 1983.

Uma sondagem realizada junto ao painel 1 do Fariseu (Fig. 1), cujas gravuras do topo tinham sido detetadas em outubro de 1995, revelou, sob sedimentos recentes, uma sequência de depósitos de vertente e aluviais que cobria um painel vertical, intensamente gravado, no qual se identificaram 85 motivos figurativos (AUBRY e BAPTISTA, 2000; BAPTISTA, 2001a, 2001b; AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014; SANTOS, 2019: 601-619)². A frescura dos traços claros, contrastando com o fundo cinzento-escuro da rocha que aparecia por baixo dos sedimentos, e a notável profusão de figuras eram complementadas por novidades ao nível

² Outros quatro motivos foram inventariados num painel mais recuado, correspondendo a 89 o número total de motivos figurativos da rocha.

FIG. 1 – À direita, perspectiva tridimensional da implantação das rochas 1 e 9 no meandro do Fariseu (sem escala), localizado no contexto dos sítios de arte rupestre e habitat do Baixo Côa (a distância entre as rochas 1 e 9 é de cerca de 109 metros).



do bestiário, como o surgimento da camurça. A rocha destacava-se ainda pela presença de auroques machos, cuja existência entre os painéis com figuras morfológicamente semelhantes só estava atestada na rocha 1 da Quinta da Barca (SANTOS, 2019: 443-453) e na rocha 1 da Canada do Inferno, desta feita, apenas sob a forma incisa (BAPTISTA e GOMES, 1997: 219).

Na camada 4, que cobria dois terços da superfície gravada, apareceu uma ponta de dorso curvo, idêntica às encontradas em sítios do centro de Portugal e na camada 3 da Quinta da Barca Sul, datada de há cerca de 12.000 anos (AUBRY, 2002; VALLADAS *et al.*, 2001). No seu interior surgiram ainda os dois primeiros exemplares de arte móvel figurativa conhecidas no vale (GARCÍA DÍEZ e AUBRY, 2002).

As datações por TL dos blocos de quartzo utilizados em fogueiras e por luminescência dos sedimentos de várias camadas em contacto com a rocha 1 enquadravam-se todas no Tardiglacial, entre os cerca de 12.000 anos do topo da sequência (cam. 4) e os 18.400 do fundo (cam. 8), passando pelos 14.000-15.000 das camadas intermédias (cam. 5 e cam. 6) (MERCIER *et al.*, 2006). A atribuição tipo-tecnológica da camada 4 encontrava-se assim confirmada pelas datações então conhecidas.

Em 2005, uma nova campanha de escavação no sítio conduziu à descoberta de restos de fauna no limite oposto da área escavada em 1999 e permitiu precisar a cronologia da ocupação humana do sítio através de datações radiocarbónicas, com a obtenção das datas de 10.510 ± 40 BP e 9.830 ± 130 BP (AUBRY, SAMPAIO e LUÍS, 2009). Estas escavações revelaram também que as duas primeiras peças de arte móvel desta camada faziam parte de uma série da qual se conhecem hoje 85 peças gravadas e quatro pintadas (SANTOS *et al.*, 2018).

Durante os trabalhos do mesmo ano, a descoberta de um bloco com uma superfície de diáclase marcada por impactos triangulares na unidade 7, junto à base da rocha 1, constituiu um primeiro indício de que a parede rochosa poderia ter sido gravada antes da deposição desse depósito, que já não se sobrepunha às figuras gravadas no painel. As características geológicas e a organização espacial dos clastos das unidades 7 e 8 foram interpretadas como resultantes de uma fase de desagregação da parede sob o efeito dos ciclos de gelo e degelo (SELLAMI, 2009), conhecida noutras regiões como fase fria do Dryas antigo, o que é compatível com a datação por luminescência de 18.400 ± 1600 BP obtida (MERCIER *et al.*, 2006).

A última campanha de escavação em 2007, organizada para a realização de um levantamento tridimensional da rocha 1 para exposição no futuro Museu do Côa, veio confirmar a hipótese da gravação da rocha antes da deposição das unidades 7 e 8, graças à descoberta, nos sedimentos da camada 8, de um outro fragmento da rocha gravada, desta feita apresentando a extremidade do focinho de um dos auroques da rocha. Este achado demonstrou que a fase de gravação é anterior à fase fria, responsável pela deterioração por crioclastia dos afloramentos rochosos e detetada nas três áreas sondadas. Além disso, uma data de

19.020 ± 80 BP, obtida pelo método AMS (*Accelerator mass spectrometry*) a partir de um fragmento de carvão da base da sondagem central do sítio (correspondendo a cerca de 22.500-23.000 anos calibrados), revelou uma ocupação do final do Solutrense conservada nessa área, sendo provável a existência de uma outra, mais antiga mas ainda não datada.

3. NOVAS SONDAJENS NO FARISEU

Passados vinte anos da realização da primeira sondagem em frente da rocha 1, justifica-se o regresso à intervenção no sítio porque continua a ser necessário precisar a sequência crono-estilística da arte paleolítica do Vale do Côa. A fase mais antiga da arte do Côa encontra-se atribuída a um período entre o Gravetense e o Solutrense médio (SANTOS, 2019: 194), sustentando-se esta atribuição no contexto arqueológico da região (AUBRY, 2009), no estudo da relação entre a estratigrafia gráfica da rocha 1 do sítio e dos depósitos que a cobrem (AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014), na comparação entre alguns dos impactos da rocha 1 da Canada e o estudo traceológico dos picos provenientes da camada 3 do sítio de Olga Grande 4, datada de cerca de 30.000 BP (PLISSON, 2009; AUBRY, SAMPAIO e LUÍS, 2011), no estudo da relação entre a localização dos painéis e as topografias antigas do vale (SANTOS, 2019: 156-158; AUBRY *et al.*, não publicado), bem como na comparação estilística com outros sítios do Sudoeste europeu (por exemplo, GUY, 2000; ZILHÃO, 2003; SANTOS, 2019: 166-173). Contudo, apesar de todos estes argumentos, para todos os efeitos, só se encontra inequivocamente provado que esta arte é anterior ao *Greenland Stadial* 2-1 (GS-2.1), com base no estudo geológico e nas datas de 18.400 ± 1.600 BP (cam. 7-8) e de cerca de 22.500 cal BP (camada subjacente que só existe na parte central do sítio). Todavia, a fase mais recente do GS-2.1, datado de entre 22 e 15 milhares de anos (ka) (RASMUSSEN *et al.*, 2014), permitirá uma atribuição da arte ao Magdalenense antigo ou médio. Por outro lado, importa também precisar a sequência num período tão vasto como é aquele entre o Gravettense e o Solutrense médio. Acresce que atualmente, depois dos resultados obtidos nos últimos trabalhos na Cardina, a ocupação do vale do Côa pelo Homem Anatomicamente Moderno poderá ser mesmo recuada até ao Aurignacense (AUBRY *et al.*, 2018).

Mais imperativo ainda é precisar as fases intermédias, situadas entre esta primeira fase e a arte azilense, que fecha o ciclo pleistocénico, atestada sobre suporte móvel e rupestre (SANTOS *et al.*, 2018; SANTOS, 2019: 195). Sendo seguro o seu posicionamento cronológico entre estes dois extremos, graças à estratigrafia parietal de algumas rochas e à análise geoarqueológica de alguns setores do vale (SANTOS, 2019: 145-155), estas fases continuam, no entanto, datadas essencialmente por comparação estilística com outros sítios europeus (*IDEM*: 175-191). Tal deve-se sobretudo à ausência na região de contextos se-

dimentares bem conservados, datáveis do Solutrense e do Magdalenense, apesar de algumas peças diagnóstico e datações TL confirmarem a sua existência (ZILHÃO *et al.*, 1995; ZILHÃO, 1997; AUBRY, 2009; AUBRY *et al.*, 2010).

As sondagens realizadas em 2018 no sítio da Penascosa revelaram a possível preservação de depósitos pleistocénicos, protegidos pela queda de fragmentos do afloramento rochosos, no limite da planície aluvial. As sondagens revelaram também a existência de rochas gravadas com motivos atribuíveis ao Magdalenense, recobertas por depósitos aluviais holocénicos modernos (AUBRY *et al.*, no prelo). Os trabalhos que temos vindo a desenvolver no âmbito do projeto Palæocôa apontavam para o facto dos eventos erosivos que se atestam no vale não terem sido tão intensos no Fariseu, devido ao efeito conjugado da configuração do seu meandro, da orientação das diáclases que aí se encontram e consequente diminuição da dinâmica hídrica nas reentrâncias da vertente. Como tal, havia a possibilidade de o sítio ter conservado parte dos depósitos destruídos noutros setores do vale, designadamente os de cronologia magdalenense, por efeito dos referidos eventos erosivos. Esta escavação permitiria ainda testar algumas hipóteses relativas à conservação de depósitos e vestígios de ocupação humana na área do meandro, a montante da rocha 1, que se encontra inacessível devido à albufeira do Pocinho.

Este trabalho centrou-se em frente da rocha 9, detetada em 1999, e na qual se distinguia um traço picotado. Concorria para esta escolha, o facto de em volta se localizarem várias rochas gravadas com motivos magdalenenses (SANTOS, 2019: 260-261), a topografia da vertente apresentar aqui uma reentrância resultante da orientação das diáclases que afectam a rocha-base e várias árvores denunciarem a existência de po-

tência sedimentar. Por outro lado, pese embora a área se inunde regularmente durante as cheias provocadas pela persistência da ensecadeira do projeto de barragem do Côa (LUÍS, 2018), como se encontra a uma cota superior à da rocha 1, é acessível sem ser necessário o abaixamento do nível de cerca de 125,5 m da albufeira do Pocinho (Fig. 1).

4. RESULTADOS

Apesar de terem, entretanto, sido temporariamente suspensas devido à pandemia de Covid-19, estas sondagens possibilitaram já um conjunto de observações no terreno, assim como a identificação de algum material lítico e a recolha de amostragens para análises sedimentológicas e para datação. Algumas conclusões podem desde já ser apresentadas, a partir destas observações, quando comparadas com os resultados do estudo do material lítico e dos dados do contexto geoarqueológico resultantes dos trabalhos em frente da rocha 1 (AUBRY, LUÍS e SAMPAIO, 2006; GAMEIRO, 2009; SELLAMI, 2009; AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014).

Duas áreas foram sondadas no âmbito dos trabalhos de 2020, ambas no sentido da vertente.

A primeira sondagem, iniciada em frente da rocha 9, revelou a continuação do traço picotado sob os sedimentos resultantes das cheias dos últimos 25 anos, o que motivou o alargamento da área original de cerca de 2 m² (quadrados H27 e I27, Fig. 2) para os atuais 15 m² (entre E e L26 e E e M27), tendo-se já alcançado a rocha de base nos quadrados H27 a K27. Foi aberta uma segunda sondagem, de apenas 3 m², nos quadrados P22 a R22.

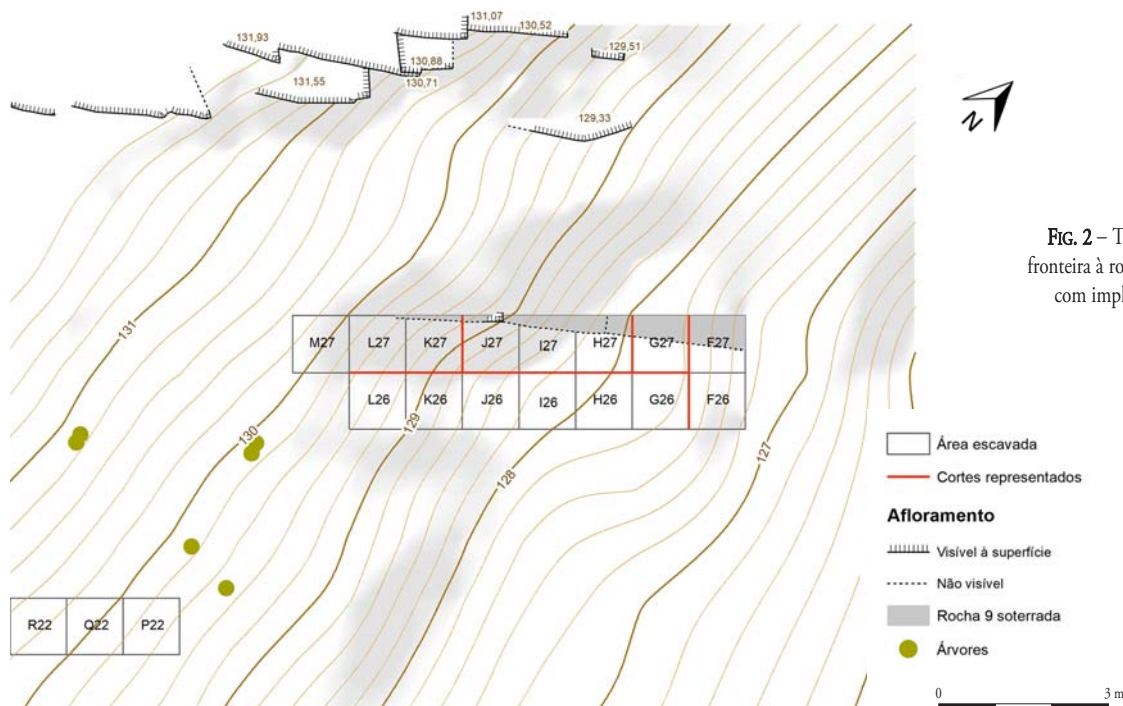


FIG. 2 – Topografia da área fronteira à rocha 9 do Fariseu, com implantação das áreas escavadas.

4.1. REGISTO SEDIMENTAR E ARQUEOLÓGICO

A sondagem da área 1, realizada no sentido da vertente e em direção ao Còa, permitiu observar a organização dos depósitos ao longo da vertente e, num mesmo contexto geomorfológico, revelou uma sequência estratigráfica composta por unidades que apresentam algumas semelhanças com as identificadas na área da rocha 1. Os depósitos, com uma inclinação de cerca de 30-40° (Fig. 3), resultam de uma combinação de processos aluviais, de fraca energia, e coluviais, do tipo escorregamento translacional de materiais provenientes da meteorização dos afloramentos, constituídos por filitos da formação De-sejosa (SELLAMI, 2009). A deposição de silts e areias está relacionada

com uma diminuição da dinâmica hídrica na área côncava da vertente durante episódios de cheias, sendo os depósitos de vertente alimentados por fragmentos de rochas resultantes dos ciclos de gelo/degelo cuja deslocação é facilitada pelo degelo sazonal da parte superficial do solo. Estes processos de vertente estão mais desenvolvidos durante a fase fria do *Greenland Stadial* 2-1 (AUBRY *et al.*, 2010).

A parte superior (Unidade Estratigráfica 1) resulta de várias fases de cheias inverniais acumuladas desde de 1995, motivadas pela incapacidade de escoamento de caudais superiores a 21,23 m³/s do túnel de derivação da ensecadeira de montante do projeto de construção da

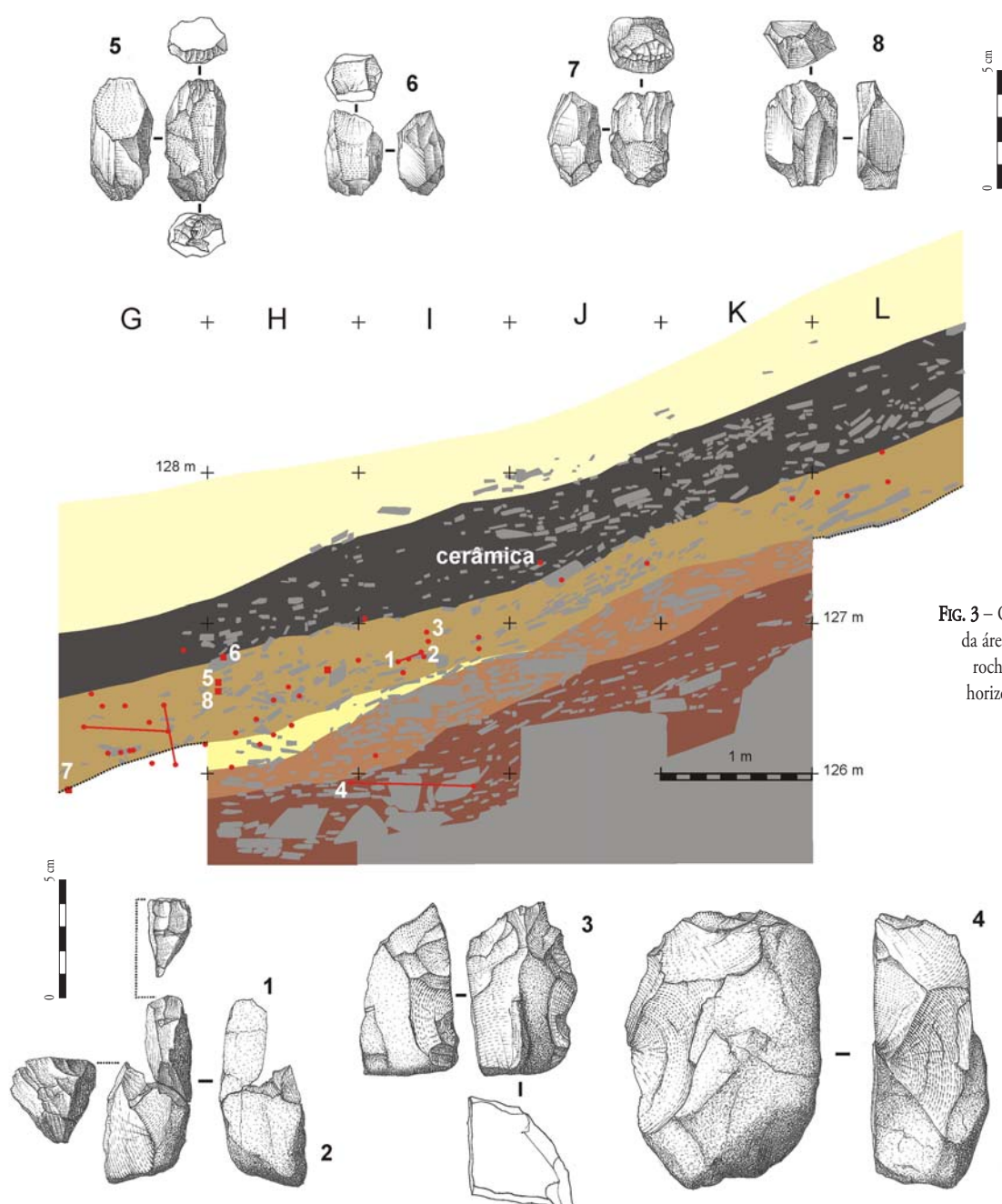


FIG. 3 – Corte longitudinal da área escavada junto à rocha 9, com projeção horizontal dos vestígios coordenados.

barragem do Côa, que se mantém ativa (Luís, 2018). A UE 2 corresponde a depósitos de vertente constituídos por clastos de xistos, com uma matriz caracterizada por uma importante componente orgânica, resultante da deposição dos solos formados pela antropização das plataformas sobrejacentes, e de sedimentos finos depositados pelas cheias mais importantes. As UE 3a, 3b e 4 resultam da combinação dos dois processos aluviais e coluviais, o que dá origem a pequenos patamares cuja topografia é condicionada pela morfologia da rocha-base e pela inclinação da vertente. A componente argilosa, no revestimento da parte superior das placas de filito ou na matriz depositada durante as cheias, revela graus distintos de evolução do solo desenvolvidos sob os sedimentos aluviais finos e ricos em matéria orgânica. A UE 3a/b resulta de um episódio mais intenso de acreção aluvial de siltes e areias. A sondagem revelou a existência de vestígios arqueológicos em todas estas unidades estratigráficas. A UE 1 contém objetos recentes (por exemplo, fragmentos de plástico) resultantes das cheias. Na base da UE 2 identificaram-se termoclastos de quartzo, lascas de quartzo leitoso, fragmentos de mó manual em granito e raros fragmentos de cerâmica manual. A UE 3a forneceu cinco cristais de quartzo leitoso, com uma preparação das duas extremidades. Um dos núcleos (Fig. 3, n.º 7) apresenta vários levantamentos lamelares que indiciam a utilização da técnica da pressão. A dimensão das lamelas e a utilização desta técnica concorrem para uma atribuição destas peças ao Neolítico pleno ou antigo. A projeção horizontal da preparação de núcleos lamelares no corte indica o seu posicionamento na porção superior da UE 3a (Fig. 3). A ocupação anterior, associada à camada de origem aluvial 3a/b, é testemunhada por lascas e núcleos, dois dos quais para produção lamelar, remontados e obtidos a partir do mesmo bloco de quartzo rolado (Fig. 3, n.ºs 1, 2, 3). Os raros vestígios encontrados nas UE 3b e 4 não são diagnósticos, correspondendo a seixos de quartzo testados, aparentemente para a preparação/configuração de núcleos. Os dois vestígios coordenados, provenientes da UE 4, não permitiram uma remontagem, mas considerando a matéria-prima, a alteração fluvial e a posição das fissuras, pertencem com muita probabilidade ao mesmo bloco (Fig. 3, n.º 4).

A relação espacial entre estas duas peças confirma a existência de fases sucessivas de escorregamento de clastos ao longo da vertente, intercaladas por fases de inundação e de estabilização, evidenciadas pelas lenticulas de sedimentos finos que cobrem os pequenos patamares formados por níveis de clastos.

Resumindo, as UE 1 a 3a deverão ser atribuídas ao Holoceno e, apesar de ainda não apresentarem nenhum elemento diagnóstico, as UE 3a/b, 3b e 4 ao Pleistoceno (Fig. 4).

O registo sedimentar da rocha 9 não evidenciou um contexto arqueológico equivalente aos vestígios de ocupação azilense (SANTOS *et al.*, 2018) registado nas três sondagens da área da rocha 1. Por outro lado, a crivagem com água revelou que os vestígios de menor dimensão deverão ter sido afetados pela erosão fluvial.

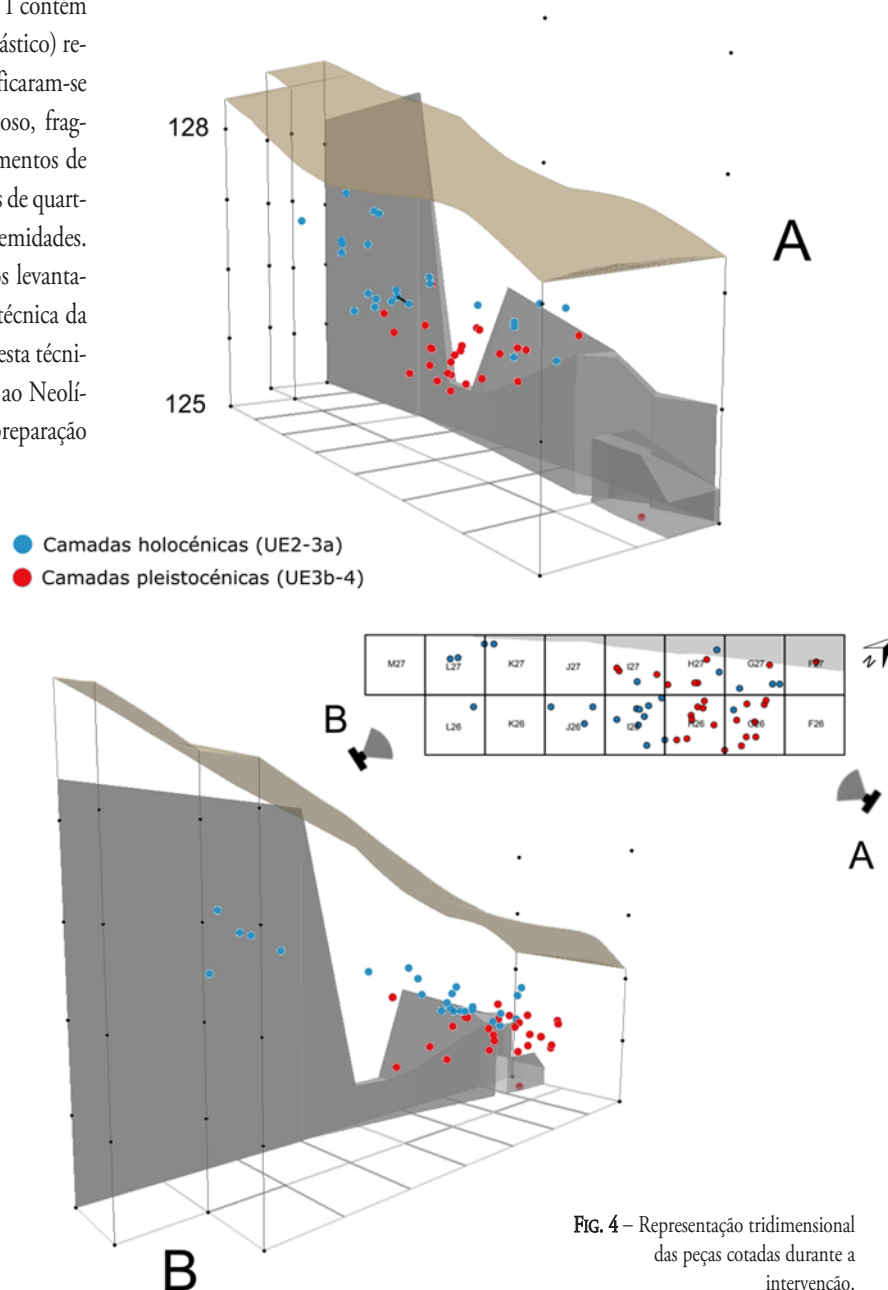


FIG. 4 – Representação tridimensional das peças cotadas durante a intervenção.

4.2. GRAVURAS

O único traço picotado da rocha 9 que se via à superfície correspondia, afinal, à garupa de um auroque macho, com cerca de 3,5 m de comprimento e orientado para a esquerda. Trata-se do maior motivo gravado paleolítico conhecido no Suodeste europeu (Fig. 5). Mesmo entre as figuras pintadas não se encontram muitos exemplos com dimensões superiores, devendo citar-se, para além de alguns auroques de Lascaux (por exemplo, AUJOLAT, 2004), um bisonte de Altxerri pintado a vermelho (por exemplo, RUIZ, GONZÁLEZ e GÁRATE, 2017). A figura apresenta algumas caraterísticas que a aproximam dos motivos mais antigos da bacia do Douro, como sejam a ausência de cascos ou o perfil absoluto da sua representação. Outras caraterísticas, não sendo conclusivas, parecem apontar para momentos finais dessa fase, como sejam a existência do jarrete no membro posterior, o aspeto retilíneo do cilhadouro, ou a forma específica de configurar os cornos, mais comum em figuras que parecem poder já atribuir-se aos momentos finais da fase mais antiga da bacia do Douro, como sejam as de Redor do Porco, Sampaio, Penascosa 5 ou Faia 6 (SANTOS, 2019: 205). Em todos estes exemplos, a marrafa dos animais é também representada. No caso da rocha 9 do Fariseu, este elemento parece corresponder a caraterísticas naturais da rocha. A utilização das formas da rocha volta a ser identificada na zona do focinho do animal, que nunca foi representado, muito provavelmente porque elementos naturais da rocha permitiram a sua substituição. O facto da zona da cabeça do animal se encontrar muito fragmentada, designadamente na zona do ápex do focinho e do chanfro, não

ajuda a nossa tarefa de atribuição cronológica desta figura. Contudo, duas das quatro figuras, também picotadas, que estão no seu interior podem contribuir para esta discussão.

Referimo-nos à fêmea de auroque que aí se encontra e que parece ser seguida pelo seu vitelo. Em particular, a primeira figura referida apresenta caraterísticas que a aproximam da fase 2 da bacia do Douro (segundo SANTOS, 2019: 155), como sejam a suavidade dos bordos do corpo ou a perspectiva dos cornos. Por outro lado, a cauda enrolada, embora presente num painel da fase 1 (na rocha 1 do Fariseu), é mais comum em painéis atribuídos também a momentos finais da fase 1 (Penascosa 5) ou já à fase 2 (Piscos 24, com dois exemplos). Refira-se, por fim, que um destes exemplos corresponde a um auroque fêmea, igualmente seguido pelo seu bezerro, e cujos cornos, pese embora o esquerdo se encontre fraturado, parecem estar configurados de forma semelhante aos dois exemplos da rocha 9 do Fariseu (ver SANTOS, 2019: 593, 596). Recorde-se que o painel onde se encontra esta figura estava também coberto por uma camada arqueológica, atribuída, embora com reservas, ao Magdalenense antigo (LUÍS, 2009), e que o te-

FIG. 5 – Composição A, dominada por um grande auroque orientado para a esquerda.

Na zona da virilha, observa-se uma cabra-montês orientada para a direita, e uma fêmea de auroque seguida por possível vitelo, orientados para a esquerda;

Abaixo do garrote do animal descobre-se cabeça de uma cerva orientada para a direita.



ma da fêmea seguida pelo vitelo está também presente entre os cavalos na rocha 5 de Piscos (BAPTISTA e GOMES, 1997: 312-324), igualmente atribuída à fase 2. Ora, quer a fêmea de auroque, quer o seu vitelo estão sobrepostos pelo grande auroque macho.

Os outros dois motivos presentes no painel do grande auroque pertencem a temas (cabra-montês e cerva), cuja distinção entre os elementos das fases 1 e 2 pode ser problemática (SANTOS, 2019: 155), mas pelo menos a cabra-montês foi feita entre a gravação da fêmea de auroque e a do macho.

As gravuras desta rocha não se esgotam neste painel. Para a direita, identificou-se um outro cuja organização, morfologia e dimensão das figuras o distingue do anterior. Este apresenta muitos mais animais, gravados por picotagem e abrasão, densamente sobrepostos entre si, à maneira do dispositivo da rocha 1 (Fig. 6). Neste painel, ainda não totalmente escavado, parecem dominar as fêmeas de auroques, embora o cavalo e o veado também marquem presença. Particularmente importante é o contraste formal vincado entre as fêmeas aqui presentes e a que se encontra no painel do grande auroque, ao mesmo tempo que se evidencia também uma maior proxi-

midade entre estas figuras e as que se encontram na rocha 1 do sítio, desde logo ao nível da configuração dos cornos e da sinuosidade das cérvico-dorsais. Mas também a cabeça de um dos putativos cavalos é muito semelhante ao cavalo 29 da rocha 1, que se encontra na base da sua estratigrafia parietal (AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014: 263).

Em suma, a distância entre os dois painéis e as diferenças entre eles, designadamente ao nível da intensidade das sobreposições, quantidade e dimensão dos animais, bem como a morfologia dos mesmos, autoriza-nos a interpretá-los como duas composições distintas. Menos segura é a relação cronológica entre eles, embora as evidências de que dispomos de momento suportem a hipótese de uma maior antiguidade do painel da direita. Como se verá seguidamente, esta hipótese não é contradita pelas relações inferidas entre as gravuras e o seu contexto arqueológico.



FIG. 6 – Composição B, caracterizada pela densidade de sobreposições entre figuras.

Na imagem, destacam-se as fêmeas de auroque orientadas para a direita e um veado orientado para a esquerda.



4.3. RELAÇÃO ENTRE AS GRAVURAS E O CONTEXTO GEOARQUEOLÓGICO

O grande auroque do painel da esquerda encontra-se coberto apenas pela UE 3a, com o membro anterior a poucos centímetros da UE 3. É preciso notar que a UE 3a/b não foi identificada junto a este painel (Figs. 3 e 7).

Já o painel direito não só se encontrava debaixo da UE 4 (Figs. 8 e 9), como na base desta camada se encontraram diversos fragmentos gravados da rocha, dois dos quais foi possível remontar no campo (Fig. 10). É importante, agora, não só procurar novas remontagens, como também proceder ao estudo da relação entre as estratigrafias parietal e sedimentar, segundo a mesma metodolo-

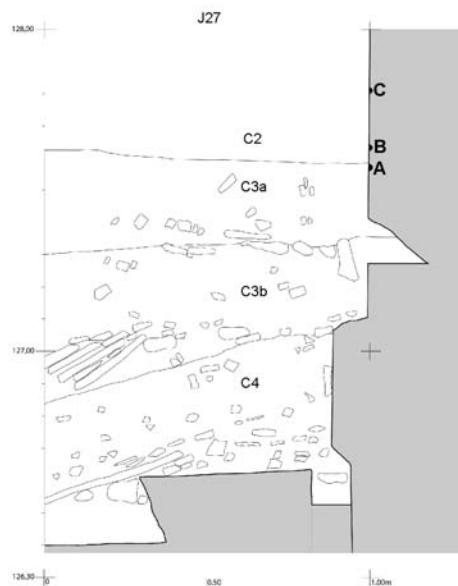


FIG. 7 – Perfil oeste do quadrado J27. Na rocha, aparecem sinalizados os pontos atravessados pelo dorso e ventre da fêmea de auroque da composição A.

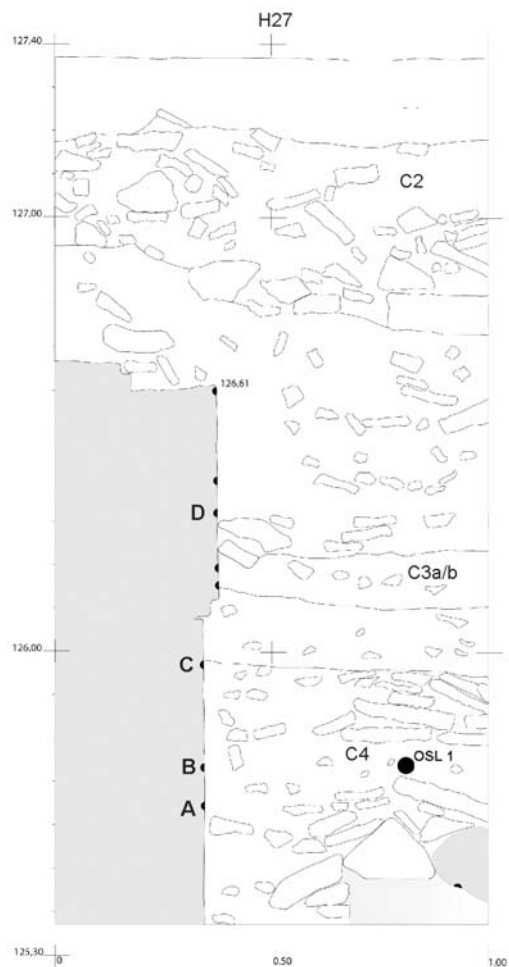


FIG. 8 – Perfil este do quadrado H27. Os pontos na rocha correspondem a traços da composição B.

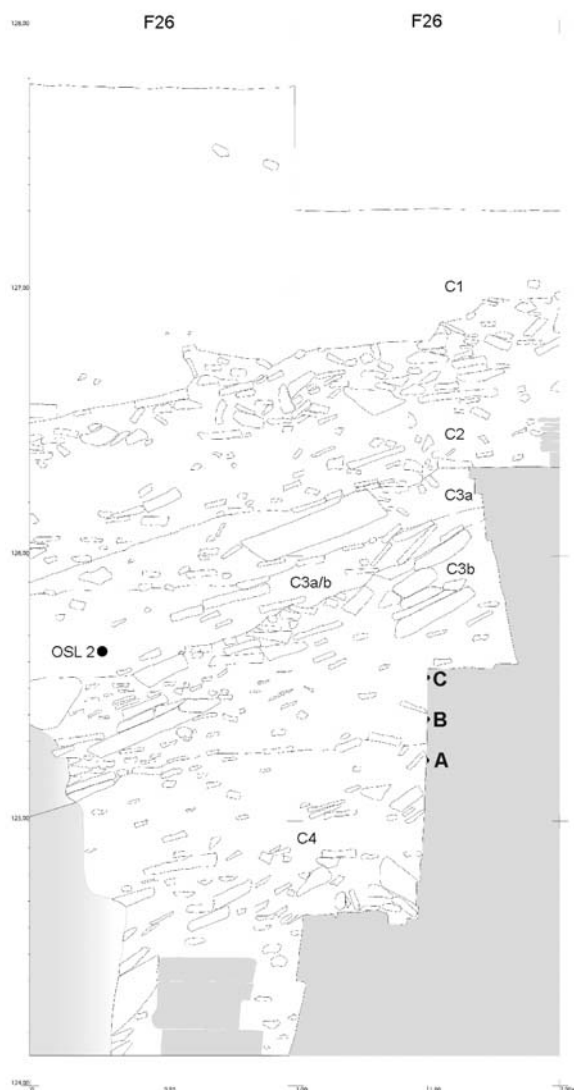


FIG. 9 – Perfil oeste dos quadrados F26/27.
Os pontos na rocha correspondem a traços da composição B.

gia adotada no estudo da rocha 1 (AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014). Desta forma, será possível compreender: a) a relação entre as figuras remontadas e as restantes; b) se existe alguma figura passível de ter sido gravada após a deposição da UE 4 e se essas figuras se afastam estilisticamente das mais antigas.

Neste momento, é indubitável que este painel começou a ser gravado antes da deposição da UE 4. Fica por esclarecer se tê-lo-á sido diretamente a partir do substrato rochoso ou de um solo, entretanto desaparecido, tal como ocorreu na rocha 1 (AUBRY, SANTOS e LUÍS, 2014).

Já o grande auroque foi gravado antes da deposição da UE 3a. Em teoria, é possível relacionar a gravação deste painel com o topo da UE 3, ou mesmo da 4, mas até ao momento nada impede que o tenha sido anteriormente.



5. PRIMEIRO BALANÇO E PERSPETIVAS

O sítio do Fariseu e a sua rocha 1 têm-se revelado a verdadeira “Pedra de Roseta” do Vale do Côa.

Foi a escavação arqueológica junto à sua rocha 1 que permitiu, pela primeira vez no mundo, datar de forma objetiva a arte paleolítica ao ar livre. Sendo impossível o recurso à datação direta, estabeleceu-se então uma relação entre uma sequência estratigráfica – testemunha de mudanças ambientais, datada pelo conteúdo arqueológicos e por vários métodos de datação radiométricos –, e um painel gravado. A escavação revelou também a existência de um numeroso conjunto estilisticamente homogêneo de arte móvel numa das camadas, e também a existência e importância desta forma de arte no fim do Pleistoceno no Vale do Côa.

Definiram-se assim as duas fases crono-culturais que marcam o início e o fim da arte paleolítica do Vale do Côa. Entretanto, a análise estilística tem procurado precisar estas duas grandes fases, mas sobretudo discriminar o que se encontra entre elas e que, por enquanto, carece de um contexto geoarqueológico seguro.



FIG. 10 – Remontagem de bloco gravado identificado no interior da UE 4 no topo conservado do painel direito.



Nestes últimos anos, a continuação dos trabalhos pela equipa de arqueologia do Vale do Côa tem-se dedicado à identificação dos contextos das fases gráficas intermédias. O regresso à escavação arqueológica da Cardina-Salto do Boi, em 2014, voltou a provar a sua existência, mas num depósito que não apresenta uma taxa de sedimentação e um grau de conservação suficientes para as caracterizar. Em contrapartida, permitiu identificar ocupações pós-Azilenses e pré-Gravettenses, reconhecendo-se pela primeira vez ocupações Aurignacenses e do Paleolítico Médio, numa sequência de cinco metros de espessura conservada ao ar livre. Abriram-se então caminhos para a compreensão da ocupação humana desta região desde pelo menos há 80.000 anos, e das dinâmicas de erosão e acreção no fundo do vale ao longo dos seus últimos 20 quilómetros, dinâmicas essas que podem ser muito importantes para precisar a atribuição crono-cultural das fases intermédias. Nesse sentido, a escavação no núcleo da Penascosa, em 2018, veio uma vez mais comprovar a existência de rochas gravadas sob o nível

atual do solo, mas, neste caso, sem condições de preservação dos contextos sedimentares antigos, devido à configuração do vale e à sua relação com a direção das diáclases. Ainda assim, foi possível identificar dois novos painéis gravados (rochas 37 e 38), um deles de uma fase intermédia que parecia ausente do sítio. O posicionamento topográfico destes achados no sítio veio, no entanto, reforçar a ideia que uma fase erosiva importante terá ocorrido entre a execução das figuras mais antigas do vale e as da fase subsequente.

O regresso ao Fariseu enquadra-se nesta procura do conhecimento da ocupação humana no vale –

designadamente das suas manifestações simbólicas – e da relação dos seus vestígios com os ciclos de erosão e sedimentação (aluvial e coluvial) que aí ocorreram. Respondidas as questões iniciais sobre a validade da atribuição estilística e a contemporaneidade da arte ao ar livre com o longo ciclo da arte das grutas, que se levantaram no momento da luta pela preservação da arte do Côa, novas questões se colocam. A decisão de conservar *in situ* este património permite-nos hoje a sua divulgação sem necessidade de réplicas, assim como regressar aos sítios para continuar a investigação. Uma vez mais, os resultados desse trabalho não desiludem, com a identificação de um painel com importantes novidades artísticas em relação com um contexto sedimentar pleistoceno, cujo estudo agora se inicia.

Os resultados dos trabalhos junto à rocha 9 do Fariseu confirmam a justeza da decisão de conservação *in situ* e denunciam uma vez mais que, para além do que conhecemos à luz, o Vale do Côa continua a encerrar inúmeros segredos debaixo do solo. 

REFERÊNCIAS

[todas as ligações à Internet indicadas estavam ativas em 2020-04-30]

- AUBRY, Thierry (1998) – “Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 1 (1): 5-26. Disponível em <https://bit.ly/3cDF8by>.
- AUBRY, Thierry (2002) – “Le contexte archéologique de l’art paléolithique à l’air libre de la vallée du Côa”. In SACCHI, D. (ed.). *L’art paléolithique à l’air libre: le paysage modifié par l’image*. Saint-Estève: GAEP / GÉOPRE, pp. 25-38 (*Actes du Colloque International Tautavel-Campôme*, 7-9 octobre 1999). Disponível em <https://bit.ly/2KoydqK>.
- AUBRY, Thierry (2006) – “Vallée du Côa: Un art préhistorique unique”. *Archéologia*. Paris: Éditions Fatou. 436: 62-71. Disponível em <https://bit.ly/2VOpAep>.
- AUBRY, Thierry (coord.) (2009) – *200 Séculos de História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (*Trabalhos de Arqueologia*, 52). Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>.
- AUBRY, Thierry e BAPTISTA, António Martinho (2000) – “Une datation objective de l’art du Côa”. *La Recherche*. Bruxelas. Hors Série. 4: 54-55.
- AUBRY, Thierry e GARCIA DIEZ, Marcos (2000) – “Actualité sur la chronologie et l’interprétation de l’art de la vallée du Côa (Portugal)”. *Les Nouvelles de l’Archéologie*. Paris: Maison des Sciences de l’Homme. 82: 52-57. Disponível em <https://bit.ly/2Krwcdl>.
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís e SAMPAIO, Jorge Davide (2006) – “Primeira Datação Absoluta para a Arte Paleolítica ao Ar Livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)”. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 14: 48-52.
- AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge Davide e LUÍS, Luís (2009) – “3. Metodologia de Aquisição e Caracterização dos Dados Arqueológicos”. In AUBRY, 2009: 31-93. Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>, Capítulo 3, PDF 1 a PDF 6.
- AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge Davide e LUÍS, Luís (2011) – “Approche expérimentale appliquée à l’étude des vestiges du Paléolithique supérieur de la Vallée du Côa (Portugal)”. In MORGADO, Antonio; BAENA PREYSLER, Javier e GARCÍA GONZÁLEZ, David (eds.). *La Investigación Experimental Aplicada a la Arqueología*. Granada: Universidad de Granada. Vol. 1 - “Tecnología y traceología lítica prehistórica y su experimentación”, pp. 87-96. Disponível em <https://bit.ly/2x4FvNi>.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André T. e LUÍS, Luís (2014) – “Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurale d’un système graphique paléolithique à l’air libre de la vallée du Côa (Portugal)”. In PAILLET, P. (ed.). *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation*. Les Eyzies-de-Tayac: SAMRA, pp. 259-270 (*Actes du colloque Micro-analyses et datations de l’art préhistorique dans son contexte archéologique*, MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011 / *Paleo*, numéro spécial). Disponível em <https://bit.ly/2xRyegk>.
- AUBRY, Thierry; MANGADO LLACH, Xavier; SAMPAIO, Jorge Davide e SELLAMI, Farid (2002) – “Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press. 76 (291): 62-76. Disponível em <https://bit.ly/2VME26y>.
- AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca Antonio; BERGADÀ, Maria Mercè; SAMPAIO, Jorge Davide e SELLAMI, Farid (2010) – “Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art”. *Journal of Archaeological Science*. Elsevier. 37: 3306-3319. Disponível em <https://bit.ly/2SgHEwT>.
- AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T. e SILVESTRE, Marcelo (2018) – “Os Neandertais e os Primeiros Homens Anatomicamente Modernos no Vale do Côa: novidades da Cardina”. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 20: 57-71. Disponível em <https://bit.ly/3aK9asM>.
- AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; BARBOSA, António Fernando e SILVESTRE, Marcelo (não publicado) – “Fluvial Dynamics and Palaeolithic Settlement: new data from the Côa Valley (Portugal)”. *Palevol*. Elsevier.
- AUJOUAT, Norbert (2004), Lascaux — *Le geste, l’espace et le temps*. Paris: Seuil.
- BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J.; SANTONJA GÓMEZ, Manuel e PÉREZ MARTÍN, Rosario (1991) – “Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre”. In SANTONJA GÓMEZ, Manuel (ed.). *Del Paleolítico a la Historia Salamanca*. Salamanca: Museo de Salamanca, pp. 33-48.
- BAPTISTA, António Martinho (2001a) – “The Quaternary Rock Art of the Côa Valley”. In ZILHÃO, AUBRY e CARVALHO, 2001: 237-252. Disponível em <https://bit.ly/3eHOPJz>.
- BAPTISTA, António Martinho (2001b) – “Trabalhos do Centro Nacional de Arte Rupestre”. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 10: 201-203.
- BAPTISTA, António Martinho e GOMES, Mário Varela (1997) – “Arte Rupestre”. In ZILHÃO, 1997: 211-406. Disponível em <https://bit.ly/34VNeK6>.
- BREUIL, Henri (1985) – *400 siècles d’art pariétal. Les cavernes ornées de l’âge du Renne*. Paris: Max Fourny [edição original: 1952].
- GAMEIRO, Cristina (2009) – “5.1.4.2. Utensílios e suportes microlíticos do Magdalenense Final no Vale do Côa”. In AUBRY, 2009: 256-268. Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>, Capítulo 5, PDF 6 e PDF 7.
- GARCÍA DIEZ, Marcos e AUBRY, Thierry (2002) – “Grafismo mueble en el Valle del Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu”. *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 55: 157-182. Disponível em <https://bit.ly/2VUjpyld>.
- GOZALO QUINTANILLA, Francisco (1970) – “Arte Rupestre en la Provincia de Segovia”. *Revista Ejército*. 370: 5-9.
- GUY, Emmanuel (2000) – “Le style des figurations paléolithiques piquetées de la vallée du Côa (Portugal): premier essai de caractérisation”. *L’Anthropologie*. Elsevier. 104: 415-426. Disponível em <https://bit.ly/2SgJWvZ>.
- JORGE, Susana, O.; JORGE, Vítor O.; ALMEIDA, Carlos A. F. de; SANCHES, Maria de Jesus e SOEIRO, Maria Teresa (1981) – “Gravuras Rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)”. *Arqueologia*. Porto: GEAP. 3: 3-12. Disponível em <https://bit.ly/2yFi79G>.
- LUÍS, Luís (2009) – “3.3. Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada”. In AUBRY, 2009: 84-93. Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>, Capítulo 3, PDF 6.
- LUÍS, Luís (2018) – “As Gravuras Ainda Não Aprenderam a Nadar: impacto das cheias na arte rupestre do Vale do Côa entre 1996 e 2016”. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 22 (1): 10-27. Disponível em <https://issuu.com/almdan>.
- MARTÍN SANTAMARÍA, Esther e MOURE ROMANILLO, Alfonso (1981) – “El Grabado de Estilo Paleolítico de Domingo García (Segovia)”. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: CSIC. 38: 97-108.
- MARTÍNEZ GARCÍA, Julián (1986-1987) – “Un Grabado Paleolítico al Aire Libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería)”. *Ars Praehistórica*. V-VI: 49-58.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e SELLAMI, Farid (2006) – “Fariseu: First confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. 80 (310). Disponível em <https://bit.ly/2RWKz2Q>.
- MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e AUBRY, Thierry (2001) – “Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la Vallée du Côa”. In ZILHÃO, AUBRY e CARVALHO, 2001: 275-280. Disponível em <https://bit.ly/3bIBoFT>.

- MONGE SOARES, António (1995) – “Os Charlatães do Côa”. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: SPAE. Vol. 8, pp. 727-730 (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, fasc. 4). Disponível em <https://bit.ly/2VQBhB5>.
- PLISSON, Hugues (2009) – “7.2.2. Analyse tracéologique de 4 pics d’Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air?”. In AUBRY, 2009: 436-443. Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>, Capítulo 7, PDF 5.
- RASMUSSEN, Sune O. *et al.* (2014) – “A stratigraphic framework for abrupt climatic changes during the Last Glacial period based on three synchronized Greenland ice-core records: refining and extending the Intimate event stratigraphy”. *Quaternary Science Review*. Elsevier. 106: 14-28. Disponível em <https://bit.ly/2S1ZIE>.
- REBANDA, Nelson (1995) – *Os Trabalhos Arqueológicos e o Complexo de Arte Rupestre do Côa*. Lisboa: IPPAR. Disponível em <https://bit.ly/2zhjknE>.
- RUIZ REDONDO, Aitor; GONZÁLEZ SAINZ, César e GÁRATE MAIDAGÁN, Diego (2017) – “Back to the past: Symbolism and archaeology in Altxerri B (Gipuzkoa, Northern Spain)”. *Quaternary International*. 432: 66-76.
- SANTOS, André Tomás (2019) – *A Arte Paleolítica ao Ar Livre da Bacia do Douro à Margem Direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (*Monografias AAP*, 9). Disponível em <https://bit.ly/2VQmTsF>.
- SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos e SAMPAIO, Jorge Davide (2018) – “O Final do Ciclo Gráfico Paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)”. *Portugalia*. Porto: DCTP-FLUP. 39: 5-96. Disponível em <https://bit.ly/2XXsS1u>.
- SACCHI, Dominique *et al.* (1988) – “Les gravures rupestres de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales”. *L’Anthropologie*. 92: 87-100.
- SELLAMI, Farid (2009) – “4.2. Les données de la séquence stratigraphique du site de Fariseu: processus de déposition et d’érosion des dépôts en limite de la plaine alluviale de la vallée du Côa”. In AUBRY, 2009: 103-108. Disponível em <https://bit.ly/2Kp0eOQ>, Capítulo 4, PDF 1.
- VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, L.; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis e AUBRY, Thierry (2001) – “TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal)”. *Quaternary Science Reviews*. Elsevier. 20 (5-9): 939-943.
- ZILHÃO, João (1995) – “The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock-Art: Validation of Archaeological Dating to the Palaeolithic and Refutation of «Scientific» Dating to Historic or Proto-Historic Times”. *Antiquity*. 69 (266): 883-901. Disponível em <https://bit.ly/2VtrXnY>.
- ZILHÃO, João (coord.) (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura. Disponível em <https://bit.ly/34VNeK6>.
- ZILHÃO, João (2001) – “Arte Paleolítico Datado por Depósitos Arqueológicos em Fariseu (Vale del rio Côa, Portugal)”. *Panel: Revista de arte rupestre*. Sevilla: Consejería de Cultura. 1: 102-103. Disponível em <https://bit.ly/3ay1h9P>.
- ZILHÃO, João (2003) – “Vers une chronologie plus fine du cycle ancien de l’art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail”. In BALBÍN, R. de e BUENA RAMÍREZ, P. (eds.). *El Arte Prehistórico Desde los Inicios del Siglo XX: Primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90. Disponível em <https://bit.ly/2VyLcMZ>.
- ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry e CARVALHO, António F. (2001) – *Les premiers hommes modernes de la péninsule ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998*. Lisboa: IPA (*Trabalhos de Arqueologia*, 17). Disponível em <https://bit.ly/34XKCLH>.
- ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António F.; ZAMBUJO, Gertrudes e ALMEIDA, Francisco (1995) – “O Sítio Arqueológico Paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)”. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: SPAE. Vol. 8, pp. 471-485 (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, fasc. 4). Disponível em <https://bit.ly/3brPfQB>.



FIG. 11 – 20 anos depois da redescoberta da rocha 1, novas escavações no Fariseu revelam painel gravado com mais de seis metros (fevereiro de 2020).